

FLORBELA ESPANCA (POESIA)

META

Apresentar a poesia de Florbela Espanca, destacando a sua importância para a literatura portuguesa.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

demonstrar conhecimento sobre a vida e a obra de Florbela Espanca, assinalando aspectos do momento histórico-social na sua produção literária; analisar poemas da autora em estudo, destacando as características básicas da sua obra; reconhecer a importância da poetisa, não só para a literatura portuguesa, mas também para a construção do saber e humanização da cultura.

PRÉ-REQUISITOS

Aulas de Literatura Portuguesa I e II.

INTRODUÇÃO

Caro aluno,

Aqui estamos para iniciarmos um novo estudo, dando continuidade ao assunto visto nas aulas anteriores. Esperamos que, através desta aula, adquira conhecimentos necessários a um melhor desempenho na disciplina em foco.

O programa desta aula visa ao estudo de Florbela Espanca, grande poetisa que viveu nas primeiras décadas do século XX. Seu nome figura entre poucos nomes femininos listados por grandes teóricos e estudiosos da literatura portuguesa produzida até esse período.

Você pode ter visto algumas referências à poetisa. A obra de Florbela é algo fascinante. Não podemos deixar de vê-la como fonte de conhecimento, prazer, e, acima de tudo, uma oportunidade de profunda reflexão acerca da existência humana, através da poética de Florbela. As análises literárias que fizermos no decorrer deste curso, no caso, o exercício de interpretação de poemas da autora em questão ampliará nossa visão de mundo; poderemos com isso estabelecer um diálogo com outros textos, atualizar dados e aguçar o espírito crítico para a construção do saber, do autoconhecimento e de uma relação mais harmoniosa entre os seres humanos.

Vejamos, meu caro aluno, um pouco da obra dessa poetisa cujas ideias eram muito avançadas no tempo, para compreendermos mais a produção feminina contemporânea.

FLORBELA ESPANCA

Retiramos sua biografia da Wikipédia; pedimos aqui a sua compreensão, no sentido de termos nos alongado nos aspectos um tanto detalhados de sua vida e obra, devido à importância da autora, hoje estudada em vários países. Florbela D'Alma da Conceição Espanca atingiu níveis altíssimos enquanto poetisa e merecidamente tem-se tornado a cada dia mais conhecida por seu grande talento.

VIDA E OBRA



Florbela em desenho de seu irmão Apeles Espanca (1897-1927).
(Fonte: http://www.upload.wikimedia.org/wiki/pedia/commons/b/ba/Florbela_por_Apeles_Espanca.jpg).

Filha de Antónia da Conceição Lobo e do republicano João Maria Espanca nasceu no dia 8 de Dezembro de 1894 em Vila Viçosa, no Alentejo. O seu pai herdou a profissão do sapateiro, mas passou a trabalhar como antiquário, negociante de cabedais, desenhista, pintor, fotógrafo e cinematografista. Era casado com Mariana do Carmo Toscano. A sua esposa não pôde dar-lhe filhos. Porém, João Maria resolveu tê-los – Florbela e Apeles, três anos mais novo – com outra mulher, Antónia da Conceição Lobo, de condição humilde. Ambos foram registados como filhos ilegítimos de pai incógnito. Entretanto, João Maria Espanca criou-os na sua casa e Mariana passou a ser madrinha de batismo dos dois. João Maria nunca lhes recusou apoio nem carinho paternal, mas reconheceu Florbela como a sua filha em cartório só dezoito anos depois da morte dela. Entre 1899 e 1908, Florbela frequentou a escola primária em Vila Viçosa. Foi naquele tempo que passou a assinar os seus textos Flor d’Alma da Conceição.

As suas primeiras composições poéticas datam dos anos 1903-1904: o poema *A Vida e a Morte*, o soneto em redondilha maior em homenagem ao irmão Apeles, e um poema escrito por ocasião do aniversário do pai.

Em 1907, Florbela escreveu o seu primeiro conto: *Mamã!* No ano seguinte, faleceu a sua mãe, Antónia, com apenas vinte e nove anos.

Flor ingressou então no Liceu Masculino André de Gouveia em Évora, onde permaneceu até 1912. Foi uma das primeiras mulheres em Portugal a frequentar o curso secundário. Devido à Revolução Republicana de 5 de Outubro de 1910, os Espanca mudaram-se para Lisboa. Florbela interrompeu os estudos mas aproveitou o tempo para leituras (Balzac, Dumas, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro, Garrett).

Em 1913 casou-se em Évora com Alberto de Jesus Silva Moutinho, seu colega da escola. O casal morou primeiro em Redondo. Em 1915 instalou-se na casa dos Espanca em Évora, por causa das dificuldades financeiras. Em 1916, de volta a Redondo, a poetisa reuniu uma selecção da sua produção poética desde 1915, inaugurando assim o projeto *Trocando Olhares*. A coletânea de oitenta e cinco poemas e três contos serviu-lhe mais tarde como ponto de partida para futuras publicações. Na época, as primeiras tentativas de promover as suas poesias falharam.

No mesmo ano, Florbela iniciou a colaborar como jornalista em *Modas e Bordados* (suplemento de *O Século de Lisboa*), em *Notícias de Évora* e em *A Voz Pública*, também evorense. A poetisa regressou de novo a esta cidade em 1917. Completou o 11º ano do Curso Complementar de Letras e matriculou-se na faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Foi uma das catorze mulheres entre trezentos e quarenta e sete alunos inscritos neste curso que ela abandonou três anos depois.

Um ano mais tarde a escritora sofreu as consequências de um aborto involuntário, que lhe teria infectado os ovários e os pulmões. Mudou-se para Quelfes (Olhão), onde apresentou os primeiros sinais sérios de neurose.

Em 1919 saiu finalmente a sua primeira obra, *Livro de Mágoas*, antologia de poemas. A tiragem (duzentos exemplares) esgotou-se rapidamente. No mesmo ano, sendo ainda casada, a escritora passou a viver com António José Marques Guimarães, alferes de Artilharia da Guarda Republicana. No ano seguinte, divorciou-se de Moutinho para casar com o amante. O casal passou a residir no Porto, mas, no ano seguinte, transferiu-se para Lisboa, onde Guimarães se tornou chefe de gabinete do Ministro do Exército.

Em 1922, a 1 de Agosto, a recém fundada Seara Nova publicou o seu soneto *Prince charmant...*, dedicado a Raul Proença. Em Janeiro de 1923, veio a lume a sua segunda coletânea de sonetos, *Livro de Sórora Saudade*, edição paga pelo pai da poetisa. Para sobreviver, Florbela começou a dar aulas particulares de português. Em 1925, após mais um aborto, divorciou-se pela segunda vez. Esta situação abalou-a muito. O seu ex-marido, António Guimarães, abriu mais tarde uma agência, “Recortes”, que colecionava notas e artigos sobre vários autores. O seu espólio pessoal reúne o mais abundante material que foi publicado sobre Florbela, desde 1945 até 1981. Ao todo são 133 recortes.



Florbela Espanca, por Bottelho (2008).
(Fonte: http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Espanca_Florbela.jpg).

Ainda em 1925, a poetisa casou com o médico Mário Pereira Lage, que conhecia desde 1921 e com quem vivia desde 1924. O casamento decorreu em Matosinhos, no Distrito do Porto, onde o casal passou a morar a partir de 1926.

Em 1927 a autora principiou a sua colaboração no jornal D. Nuno de Vila Viçosa, dirigido por José Emídio Amaro. Naquele tempo não encontrava editor para a coletânea *Charneca em Flor*. Preparava também um volume de contos, provavelmente *O Dominó Preto*, publicado postumamente apenas em 1982. Começou a traduzir romances para as editoras Civilização e Figueirinhas do Porto.

No mesmo ano, Apeles, o irmão da escritora, faleceu num trágico acidente de avião. A sua morte foi para a autora realmente dolorosa. Em homenagem ao irmão, Florbela escreveu o conjunto de contos de *As Máscaras do Destino*, volume publicado postumamente em 1931. Entretanto, a sua doença mental agravou-se bastante. Em 1928 ela teria tentado o suicídio pela primeira vez.

Em 1930 Florbela começou a escrever o seu *Diário do Último Ano*, publicado só em 1981. A 18 de Junho principiou a correspondência com Guido Battelli, professor italiano, visitante na Universidade de Coimbra, responsável pela publicação da *Charneca em Flor* em 1931. Colaborou também no Portugal feminino de Lisboa, na revista *Civilização* e no *Primeiro de Janeiro*, ambos do Porto.

Florbela tentou o suicídio por duas vezes mais em Outubro e Novembro de 1930, na véspera da publicação da sua obra-prima, *Charneca em Flor*. Após o diagnóstico de um edema pulmonar, a poetisa perdeu o resto da vontade de viver. Não resistiu à terceira tentativa do suicídio. Faleceu em Matosinhos, no dia do seu 36º aniversário, a 8 de Dezembro de 1930. A causa da morte foi a sobredose de barbitúricos.

A poetisa teria deixado uma carta confidencial com as suas últimas disposições, entre elas, o pedido de colocar no seu caixão os restos do avião pilotado por Apeles na hora do acidente. O corpo dela jaz, desde 17 de Maio de 1964, no cemitério de Vila Viçosa, a sua terra natal.

OBRA

Autora de poemas, artigos na imprensa, traduções, epístolas e um diário, Florbela Espanca antes de tudo foi poetisa. É à sua poesia, quase sempre em forma de soneto, que ela deve a fama e o reconhecimento. A temática abordada é principalmente amorosa. O que preocupa mais a autora é o amor e os ingredientes que romanticamente lhe são inerentes: solidão, tristeza, saudade, sedução, desejo e morte. A sua obra abrange também poemas de sentido patriótico, inclusive alguns em que é visível o seu patriotismo local: o soneto *No meu Alentejo* é uma glorificação da terra natal da autora.

Somente duas antologias, *Livro de Mágoas* (1919) e *Livro de Sóror Saudade* (1923), foram publicadas em vida da poetisa. Outras, *Charneca em Flor* (1931), *Juvenília* (1931) e *Reliquiae* (1934) saíram só após o seu falecimento. Toda a obra poética de Florbela foi reunida por Guido Battelli num volume chamado *Sonetos Completos*, publicado pela primeira vez em 1934. Em 1978 tinham saído 23 edições do livro. As peças anteriores às primeiras publicações da poetisa foram reconstituídas por Mária Lúcia Dal Farra, que em 1994 editou o texto de *Trocando Olhares*.

António José Saraiva e Óscar Lopes na sua *História da Literatura Portuguesa* descrevem Florbela Espanca como sonetista de “laivos anterianos” e semelhante a António Nobre. Admitem que foi “uma das mais notáveis personalidades líricas isoladas, pela intensidade de um emotivo erotismo feminino, sem precedentes entre nós [portugueses], com tonalidades, ora egoístas ora de uma sublimada abnegação que ainda lembra Sóror Mariana, ora de uma expansão de amor intenso e instável(...)”.

A obra da Florbela “precede de longe e estimula um mais recente movimento de emancipação literária da mulher, exprimindo nos seus acentos mais patéticos a imensa frustração feminina das (...) opressivas tradições patriarcais.”

Rolando Galvão, autor de um artigo sobre Florbela Espanca publicado na página electrónica *Vidas Lusófonas*, caracteriza assim a obra florbeliana:

Como dizem vários estudiosos da sua pessoa e obra, Florbela surge desligada de preocupações de conteúdo humanista ou social. Inserida no seu mundo pequeno burguês, como evidencia nos vários retratos que de si faz ao longo dos seus escritos. Não manifesta interesse pela política ou pelos problemas sociais. Diz-se conservadora. (...) O seu egocentrismo, que não retira beleza à sua poesia, é por demais evidente para não ser referenciado praticamente por todos. Sedenta de glória, diz Henrique Lopes de Mendonça, transcrito por Carlos Sombrio.

Na sua escrita há um certo número de palavras em que insiste incessantemente. Antes de mais, o EU, presente, dir-se-á, em quase todas as peças poéticas. Largamente repetidos vocábulos reflexos da paixão: alma, amor, saudade, beijos, versos, poeta, e vários outros, e os que deles derivam. Escritos de âmbito para além dos que caracterizam essa paixão não são abundantes, particularmente na obra poética. Salvo no que se refere ao seu Alentejo. Não se coloca como observadora distante, mesmo quando tal parece, exterior a factos, ideias, acontecimentos.

O autor do artigo lembra também a correspondência da poetisa com o irmão, Apeles, e com uma amiga próxima, que apenas viu em retrato. Repara que os excessos verbais da escritora são provocados pela sua imoderação para exprimir uma paixão. A sua exaltação do amor fraternal é considerada fora do comum. Galvão repara que esses limites alargados na expressão do amor, da amizade e das afeições, são na obra florbeliana uma constante.

FLORBELA ESPANCA POR OUTROS POETAS

Florbela Espanca causou grande impressão entre seus pares e entre literatos e público de seu tempo e de tempos posteriores. Além da influência que seus versos tiveram nos versos de tantos outros poetas, são aferidas também algumas homenagens prestadas por outros eminentes poetas à pessoa humana e lírica da poetisa. Manuel da Fonseca, em seu *Para um poema a Florbela* de 1941, cantava "(...)«E Florbela, de negro,/ esguia como quem era,/ seus longos braços abria/ esbanjando braços cheios/ da grande vida que tinha!»". Também Fernando Pessoa, em um poema datilografado e não datado de nome "À memória de Florbela Espanca", descreve-a como "«alma sonhadora/ Irmã gêmea da minha!»".

CURIOSIDADES

O grupo musical português Trovante musicou o soneto “Ser poeta”, incluído no volume *Charneca em Flor*. A canção intitulada “Perdidamente”, com música de João Gil, tornou-se numa das músicas mais populares da banda. Faz parte do álbum *Terra Firme*, lançado em 1987.



Florbela Espanca.
(Fonte: <http://www.astormentas.com/florbela.htm>).

CONTEXTO HISTÓRICO SOCIAL

No início do século passado, Portugal vivia um período de grande turbulência política, na luta para derrubar o regime monárquico. Em 1908, o rei D. Carlos e o príncipe herdeiro, D. Filipe, falecem num atentado, quando voltavam numa carruagem aberta de Vila Viçosa. Depois disso, a crise de sucessão perdura até 1910, momento em que é instalada a República. Na economia, o país também passava por uma terrível situação de perda das suas colônias para a Inglaterra. Apesar disso, Florbela Espanca produzia uma obra distante das influências sociais, acredito que de influência simbolista,

egocêntrica e narcisista, marcada por um profundo gosto pela estética, (daí a preferência por sonetos) e pelo culto à Dor, vista num tom confessional.

A sociedade portuguesa da época não lhe perdoava a ousadia de se ter casado três vezes e de se mostrar independente quanto à sua arte, cheia de versos eróticos, confessionais, abertamente apelativos e muitas vezes centrados no Tu, numa “espécie de donjuanismo feminino”, como diz Massaud Moisés. Numa sociedade machista, preconceituosa, seu talento era o que menos importava aos que a escorraçavam. Num país extremamente católico como Portugal, muitos de seus versos eram considerados imorais, porque os críticos não alcançavam o seu teor literário. A hipócrita condenação social e as convenções burguesas retrógradas impediam-na de viver sem o crivo de olhares opressores. A mulher portuguesa da época não podia divorciar-se, não tinha voz, era criada apenas para servir ao marido e aos filhos. Raríssimas ingressavam em estudo superior e Florbela transgredia as normas vigentes, por sua forma independente de ver o mundo e de amar.

Em relação à arte simbolista, podemos dizer que Florbela tinha uma certa herança, quanto à rigidez formal, “a arte pela arte”, e, se quisermos buscar influência no conteúdo de seus versos, podemos citar a obsessão pela morte, o vazio existencial, a inadaptação, o culto à dor em sua intensa agonia, os versos pessimistas e depressivos da sua fase mais amarga. Há quem a considere neoromântica, mas sua poesia alça voos para além de qualquer classificação. Não podemos considerá-la uma poetisa da escola simbolista, nem neoromântica, nem precursora da modernidade; sua obra tem a originalidade de gênio, pois cria um estilo próprio, todo seu, que não se encaixa em escolas literárias.

CARACTERÍSTICAS DA POESIA DE FLORBELA

A poesia de Florbela tem aspectos que predominam em sua obra, como a obsessiva busca do outro que a complete, por sua ânsia de amar intensamente, de forma livre, integral, terna, em total doação, numa chama ardente. Seus poemas revelam uma atitude feminista, de vanguarda, sempre num tom confessional.

O eu-lírico, ora alegre, entusiasmado, ora triste, desiludido, passa-nos um forte desejo de viver em liberdade, em conflito com o ambiente social, que a reprimia e condenava. A condição de ser uma figura feminina sexófila, cuja voz dirigia-se ao interlocutor masculino de forma ativa e passional, revelando o seu íntimo, confessando-se carente, apaixonada, sempre disponível ao amor físico, numa sociedade machista, de ideias atrasadas em relação à mulher, causavam-lhe desarmonia e frustração.

Percebemos ainda em sua poesia um desalento da alma provocado pelas cobranças de fora, marcado pela incompreensão do Outro (individual ou

social). Em seus versos, há também a Dor gerada pela ausência do amado, o vazio, a angústia, a solidão, a incompletude, na eterna busca do amor pleno.

Seguem estes versos retirados de *Charneca em Flor*, volume escrito na sua última fase e publicado postumamente (1931).

CHARNECA EM FLOR (1931)

Amar, amar; amar; amar siempre y con todo
El ser y con la tierra y con el cielo,
Com lo claro del sol y lo obscuro del lodo.
Amar por toda ciencia y amar por todo anhelo.
Y cuando la montana de la vida
Nos sea dura y larga, y alta, y llena de abismos,
Amar la inmensidad, que es de amor encendida,
Y arder em la fusión de nuestros pechos mismos...
Rubén Darío

CHARNECA EM FLOR

Enche o meu peito, num encanto mago,
O frêmito das coisas dolorosas...
Sob as urzes queimadas nascem rosas...
Nos meus olhos as lágrimas apago...
Anseio! Asas abertas! O que trago
Em mim? Eu oiço bocas silenciosas
Murmurar-me as palavras misteriosas
Que perturbam meu ser como um afago!
E nesta febre ansiosa que me invade,
Dispo a minha mortalha, o meu burel,
E, já não sou, Amor, Sórora Saudade...

Olhos a arder em êxtases de amor,
Boca, a saber, a sol, a fruto, a mel:
Sou a charneca rude a abrir em flor!

Neste soneto, *Charneca em Flor*, percebemos o desejo, ingrediente tão recorrente na sua poesia, a disposição para amar perdidamente, a força do sentimento que explode do Eu para o Tu a quem o eu – lírico – chama de Amor; tal ansiedade transforma a alma, dá-lhe vida, alimentando o corpo com sensações de tato, gosto, audição, visão (sinestesia). Seu conteúdo é de forte apelo erótico, o que para a época era um escândalo. Entretanto, ao lermos o soneto, sentimos a beleza dos versos, a elegância da linguagem que sutilmente revela estados intimistas, sem ferir ou chocar o leitor desavisado.

VERSOS DE ORGULHO

O mundo quer-me mal porque ninguém
 Tem asas como eu tenho! Porque Deus
 Me fez nascer Princesa entre plebeus
 Numa torre de orgulho e de desdém!
 Porque o meu Reino fica para Além!
 Porque trago no olhar os vastos céus,
 E os oiros e os clarões são todos meus!
 Porque Eu sou Eu e porque Eu sou Alguém!
 O mundo! O que é o mundo, ó meu amor?!
 O jardim dos meus versos todo em flor,
 A seara dos teus beijos, pão bendito,
 Meus êxtases, meus sonhos, meus cansaços...
 São os teus braços dentro dos meus braços:
 Via Láctea fechando o Infinito!...

Neste soneto, *Versos de Orgulho*, o eu - lírico se mostra animado por forte sentimento de auto-estima; nas duas primeiras estrofes, há o egocentrismo, a visão narcisista de quem se julga superior, inatingível. A liberdade que cultiva é algo que a torna orgulhosa de sua condição de “Princesa entre plebeus”. As duas últimas estrofes são dedicadas ao Outro, seu interlocutor, a quem evoca de modo contundente, convidando-o a penetrar no seu mundo de isolamento a dois; para o eu-lírico, o momento dedicado ao amor físico é extasiante e não permite aos amantes a visão de outros mundos. O fato de estar sempre se dirigindo a um interlocutor masculino, o endeusamento do amado e os apelos que fazia ao outro constituem traços de sua poética e é uma novidade para a época.

Veja, meu caro aluno, este soneto belíssimo, a seguir; trata-se de um convite ao amor erótico: Com uma linguagem centrada no tu, o eu-lírico mostra-se entusiasta do amor físico.

SE TU VIESSES VER-ME...

Se tu viesses ver-me hoje à tardinha,
 A essa hora dos mágicos cansaços,
 Quando a noite de manso se avizinha,
 E me prendesses toda nos teus braços...
 Quando me lembra: esse sabor que tinha
 A tua boca... o eco dos teus passos...
 O teu riso de fonte... os teus abraços...
 Os teus beijos... a tua mão na minha...
 Se tu viesses quando, linda e louca,
 Traça as linhas dulcíssimas dum beijo

E é de seda vermelha e canta e ri
E é como um cravo ao sol a minha boca...
Quando os olhos se me cerram de desejo...
E os meus braços se estendem para ti...



ATIVIDADES

1. Analise o soneto acima quanto ao conteúdo, observando os estados de alma do eu – lírico e as características predominantes da sua obra no soneto.
2. Interprete os sonetos abaixo quanto ao conteúdo, tecendo comentários sobre as características da poética de Florbela neles encontradas:

RÚSTICA

Ser a moça mais linda do povoado.
Pisar, sempre contente, o mesmo trilho,
Ver descer sobre o ninho aconchegado
A bênção do Senhor em cada filho.
Um vestido de chita bem lavado,
Cheirando a alfazema e a tomilho...
- Com o luar matar a sede ao gado,
Dar às pombas o sol num grão de milho...

Ser pura como a água da cisterna,
Ter confiança numa vida eterna
Quando descer à "terra da verdade"...

Deus, dai-me esta calma, esta pobreza!
Dou por elas meu trono de Princesa,
E todos os meus Reinos de Ansiedade.

REALIDADE

Em ti o meu olhar fez-se alvorada,
E a minha voz fez-se gorjeio de ninho,
E a minha rubra boca apaixonada
Teve a frescura pálida do linho.
Embriagou-me o teu beijo como um vinho
Fulvo de Espanha, em taça cinzelada,
E a minha cabeleira desatada
Pôs a teus pés a sombra dum caminho.
Minhas pálpebras são cor de verbena,

Eu tenho os olhos garços, sou morena,
 E para te encontrar foi que eu nasci...
 Tens sido vida fora o meu desejo,
 E agora, que te falo, que te vejo,
 Não sei se te encontrei, se te perdi...

CONTO DE FADAS

Eu trago-te nas mãos o esquecimento
 Das horas más que tens vivido, Amor!
 E para as tuas chagas o unguento
 Com que sarei a minha própria dor.
 Os meus gestos são ondas de Sorrento...
 Trago no nome as letras de uma flor...
 Foi dos meus olhos garços que um pintor
 Tirou a luz para pintar o vento...
 Dou-te o que tenho: o astro que dormita,
 O manto dos crepúsculos da tarde,
 O sol que é d'oiro, a onda que palpita.
 Dou-te comigo o mundo que Deus fez!
 - Eu sou Aquela de quem tens saudade,
 A Princesa do conto: “Era uma vez...”
 (Livro de Sórora Saudade),

FANATISMO

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida
 Meus olhos andam cegos de te ver!
 Não és sequer razão de meu viver,
 Pois que tu és já toda a minha vida!
 Não vejo nada assim enlouquecida...
 Passo no mundo, meu Amor, a ler
 No misterioso livro do teu ser
 A mesma história tantas vezes lida!
 “Tudo no mundo é frágil, tudo passa...”
 Quando me dizem isto, toda a graça
 Duma boca divina fala em mim!
 E, olhos postos em ti, vivo de rastros:
 “Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
 Que tu és como Deus: princípio e fim!...”

O poema fanatismo deve ser comentado coletivamente num fórum.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para a realização destas atividades, você deve pesquisar na internet sobre a autora, ou ainda verificar, através de leituras, as funções da linguagem empregada nos poemas, as figuras de linguagem e os estados de alma do eu – lírico, ou seja, se manifesta alegria, prazer, ou dor, ansiedade, angústia, pessimismo, etc.



RESUMO

A obra de Florbela, como vimos, não se enquadra em nenhuma escola literária, pelo seu estilo pessoal e inédito. Sua poesia canta o amor em toda a plenitude e nos faz sentir quão intensa foi sua curta existência de 36 anos. Muitos dos seus versos são flamejantes, impregnados de desejo e paixão, eróticos, porém belos; elaborados de modo a nos fazer refletir sobre o amor carnal, que se despe de seu caráter apenas instintivo, para se eternizar na poesia de Florbela. Outros versos revelam orgulho, vaidade, narcisismo a, amor próprio cultivado; já em outros poemas o eu - lírico se mostra deprimido, abalado, perdido num mar de angústia e solidão. Assim é a arte de Florbela; o ser humano em toda a sua complexidade; na alegria e na Dor, cantado em versos que a imortalizaram.

CONCLUSÃO

Nesta aula, vimos a biografia de Florbela Espanca e retiramos alguns de seus poemas para análise, a fim de compreendermos sua poética, ressaltando a importância da poetisa para a literatura portuguesa e a influência da sua obra; no sentido de transformar a sociedade, de combater a discriminação contra as mulheres, enquanto vítimas de uma sociedade patriarcal e retrógrada, a arte de Florbela realiza denúncias pelo desabafo, ataca a hipocrisia e pretende a igualdade de direitos, sem restrições. A poesia florbeliana é, sem dúvida, ímpar, não só por seu alto nível, mas também pelo fato de ter avançado no tempo uma ideologia feminista a ser bastante cultivada do início do século passado aos nossos dias.



AUTOAVALIAÇÃO

Ao final da leitura desta aula, sou capaz de entender a poesia de Florbela Espanca e interpretar seus poemas? Posso alcançar a importância de sua obra no contexto literário universal?

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vocês estudarão o Modernismo e geração de Orpheu e conhecerão importantes dados do movimento que se instalou em Portugal com a publicação do jornal *Orpheu* em 1915.



REFERÊNCIAS

- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1962.
- PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na Literatura brasileira**. São Paulo: Scipione, 1989.
- SARAIVA, Antônio José & LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 14a. ed. Porto: Porto Editora Lda., s/a
- 1919 **Livro de Mágoas**. Lisboa: Tipografia Maurício. (eBook)
- 1923 **Livro de Sóror Saudade**. Lisboa: Tipografia A Americana.
- 1931 **Charneca em Flor**. Coimbra: Livraria Gonçalves.
- 1931 _____ (com 28 sonetos inéditos). Coimbra: Livraria Gonçalves.
- 1931 Juvenília: versos inéditos de Florbela Espanca. Estudo crítico de Guido Battelli. Coimbra: Livraria Gonçalves.
- 1934 Sonetos Completos (Livro de Mágoas, Livro de Sóror Saudade, Charneca em Flor, Reliquiae). Coimbra: Livraria Gonçalves.
- 1985/86 **Obras Completas de Florbela Espanca**. 8 vols. Edição de Rui Guedes. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- 1994 **Trocando Olhares**. Estudo introdutório, estabelecimento de textos e notas de Maria Lúcia Dal Farra. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda.